

# RETRATO

Por Marta Barcellos

GREG SALIBIAN / CAPITAL ABERTO



Ricardo Amorim, diretor da Concórdia Asset Management

## A crise será boa para o Brasil

Ricardo Amorim guarda um único arrependimento na vida. Aos 16 anos, Rico, como é chamado pela família, passou um mês de suas férias treinando natação em Boca Raton, na Flórida, com o técnico da seleção americana. Sua dedicação impressionou tanto, que o treinador o convidou a ficar na equipe e tentar uma medalha nas Olimpíadas de Seul. Entre a chance remota e os estudos, Rico ficou com a segunda opção. A bem-sucedida carreira de economista, coroada por oito anos em Wall Street e uma vaga no programa de televisão “Manhattan Connection”, não impede Amorim de ainda hoje admitir uma ponta de dúvida sobre a decisão. “Minha lição disso é que não deixo de tentar mais nada, mesmo que o êxito pareça improvável”, afirma o atual diretor da Concórdia Asset Management.

Amorim acredita que seus resultados como nadador estavam mais relacionados à dedicação “absurda” do que ao talento para o esporte. A natação, conta ele, era um desafio, ao contrário do colégio, onde tinha o hábito de solucionar problemas de matemática do final do livro, antes de a matéria ser ensinada em sala de aula. A dúvida talvez nem persistisse, não fosse o fato de outro garoto brasileiro, com quem havia treinado, ter conquistado uma medalha de prata em Barcelona, cinco anos depois, quando o jovem economista já se formava pela Universidade de São Paulo (USP), antes da pós-graduação em administração e finanças internacionais na École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales (Essec), em Paris.

Ainda apaixonado por esportes, Amorim encontraria o antigo colega de raia numa arquibancada das Olimpíadas de Atenas, anos depois. “Lembra-se de mim?”, perguntou ao campeão Gustavo Borges, que respondeu: “Claro!”. Ricardo Amorim inflou, crente de que o nadador havia se recordado das vezes em que tinha sido ultrapassado por ele na piscina. Mas Borges continuou: “Não perco um Manhattan Connection.” O encontro acabou entrando para o rol de situações curiosas geradas pela celebração do economista, sempre abordado em salas de espera de aeroportos depois que passou a integrar o time do programa do GNT.

Como no episódio da natação, Amorim também hesitou diante do convite para a televisão. “Temia pela credibilidade”, explica. “Como o programa aborda muitos assuntos, eu podia parecer um grande chutador em tudo, inclusive naquilo em que faço uma lição de casa desgraçada.” A favor, estava a possibilidade de dar

vazão ao seu espírito idealista e conseguir influenciar pessoas. “Eu sabia que o público do ‘Manhattan’ era formador de opinião no Brasil”. Cinco anos depois, a credibilidade não só ficou intacta como ele confirmou a intuição sobre a importância de estar aberto para informações de diferentes campos do conhecimento humano. A essa abrangência de interesses, que o encheu de dúvidas na hora do vestibular, ele atribui o alto índice de acertos em previsões econômicas. “Procuro sempre questionar o senso comum, olhar para o não convencional e ao mesmo tempo para a história. Ando até com medo, porque tenho acertado muito”, brinca.

Ricardo Amorim faz parte do seleto grupo de economistas que previu a crise financeira nos Estados Unidos. “Está tudo gravado nos programas”, costuma dizer, para quem duvida. Ele diz que seu acerto foi mais fruto da persistência do que da genialidade. Como analista de mercados emergentes, sediado em Nova York, onde desembarcou no início de 2001 para trabalhar no BNP Paribas, ele aprendeu a procurar os erros que costumavam levar essas economias ao cataclismo. “Logo percebi que os Estados Unidos estavam cometendo os mesmos erros. Meus colegas diziam que eu não compreendia a solidez da economia americana, que eu confundia o país com uma república das bananas. Parecia que estava fazendo papel de bobo, mas minha teimosia acabou se mostrando correta.”

Do BNP Paribas, que fechou a área de mercados emergentes depois do 11 de setembro, Amorim foi para a consultoria IdeaGlobal e, em seguida, para o banco WestLB, onde ficou até setembro de 2008. O convite para voltar ao Brasil e comandar a asset do grupo Sadia coincidiu com a vontade de reduzir as viagens internacionais e com a sua aposta no País como a bola da vez dos investidores globais. Aos 38 anos, Amorim continua arrojado e aventureiro — conhece mais de 60 países, já voou de asa-delta, faz rafting e trekking —, mas agora pensa em formar família e ter qualidade de vida. Separado da primeira esposa, com quem morou nos Estados Unidos, está noivo da modelo paulista Fernanda Brandão.

Sobre os desafios que o aguardam no Brasil, ele não economiza em otimismo. “Temos uma oportunidade histórica espetacular. Será muito parecido com o que aconteceu entre 2003 e 2008. A crise será longa e dolorida nos Estados Unidos, mas o motor do consumo mundial vai migrar para os países emergentes, em particular para China e Índia, que precisam de coisas muito básicas, nas quais o Brasil é competitivo.” De volta à área de asset, na qual havia trabalhado no Itaú Bankers Trust, ele afirma ter encontrado um ambiente receptivo aos investimentos. “A regulamentação do mercado brasileiro, embora não seja perfeita, é muito melhor que a americana.” ■

**Rotina** – Em São Paulo, conseguiu retomar o hábito de sair para almoçar. “Em Nova York comia olhando a tela do computador.” Às sextas-feiras trabalha no Rio, onde grava o “Manhattan Connection”. Nos fins de semana, costuma ir à Riviera de São Lourenço, no litoral paulista.

**Fontes de informação** – Lê notícias no blackberry durante o café da manhã e faz a barba ouvindo a rádio Jovem Pan. No escritório, lê jornais e checa Agência Estado e Bloomberg. “Leio informações e análises o dia inteiro.”

**TV** – Assiste pouco, quase sempre filmes, e evita o Manhattan Connection. “Sou muito autocrítico e não me acho articulado como as pessoas dizem.”

**Hobbies** – Adora ir a restaurantes, cinema e teatro.

**Livros na cabeceira** – Acabou de ler “Lessons from Warren Buffett” (“Foi interessante para o momento que estou vivendo”) e começou “O sapo que queria ser príncipe”, livro de memórias de Rubem Alves. “É um autor que adoro, porque consegue extrair ideias de campos diferentes e transformá-las em algo novo.”

**Um guru** – Gandhi. “Alguém que conseguiu atingir resultados espetaculares seguindo os princípios em que acreditava.”

**Saia justa profissional** – Recebe elogios e críticas por posições que nunca defendeu na TV. Um telespectador costuma insistir que ele previu a eleição de Barack Obama dois anos antes. “Descobri que as pessoas escutam o que querem, basta a gente passar perto o suficiente.”

**Saia justa pessoal** – Sempre que estava com a ex-mulher no Brasil, era abordado por fãs deslumbradas. “Parecia que isso acontecia sempre, mas era só quando ela estava por perto.”

**Esportes** – Frequenta a academia Fórmula do Shopping Eldorado, onde também nada. “Prático menos esportes do que gostaria.”

**Mania** – De blackberry, que ele apelidou de “slaveberry”. “É como me sinto às vezes.”

**Viagem inesquecível** – Para Nepal e Índia. “Fui sozinho e fiquei muito impressionado com o povo sherpa, que vive no Himalaia. Percebi que preciso de muito pouco para ser feliz.”

**Sonho de consumo** – “Não sou consumista. Voltei ao Brasil há seis meses e ainda não comprei um carro.”

**Ambição** – No campo pessoal, quer montar uma família e ter filhos. “No profissional, já tenho desafios de curto prazo suficientes.”

**Uma vitória** – A fase em que acertou na mosca todas as suas previsões, como se estivesse iluminado, dois anos atrás. “Se tivesse mantido aquele padrão, não ia ter para ninguém, nem para o Warren Buffett”, brinca.

**O que o tira do sério** – O trânsito. “Drena toda a minha energia.”

**Uma vaidade** – Ficou chateado com os cabelos brancos que passaram a brotar “aos montes”. “Mas sou cada vez menos vaidoso”, assegura.

**Conselho para quem está começando** – Ser curioso.

**Daqui a dez anos** – “Parei de imaginar o futuro; a vida sempre ganha dos meus planos.”

**Dez anos atrás** – Era economista sênior do BankBoston, onde gravava vídeos semanais para um dos primeiros websites com esse tipo de serviço. “Acostumei a olhar para a câmara e isso me deu cancha para o ‘Manhattan’.”

**Paixão** – Conhecer coisas e pessoas novas, viajar.

**Otimismo X pessimismo** – “Nesse momento, sou o mais otimista possível.”

**Melhor previsão** – A bola cantada da crise financeira nos Estados Unidos.

**Pior previsão** – Depois da desvalorização do real, em 1999, previu o mesmo para a moeda argentina. “Só aconteceu dois anos depois.”